

## DEVOTO DE MARIA: DIÁLOGOS (NO PROCESSO CRIATIVO) ENTRE ARTE, FÉ E CIÊNCIA

Gleydson Silva Moreira<sup>1</sup> – UFC  
Antonio Wellington de Oliveira Júnior<sup>2</sup> – UFC  
Agência Financiadora: FUNCAP

### Resumo

A carta (não entregue) para minha mãe narra o pensamento que está orientando a construção da instalação “Eu acredito em milagres”. Este é um ensaio de natureza acadêmica, narrado em primeira pessoa, sobre os diálogos emergentes entre arte, fé e ciência nos procedimentos criativos. A reflexão é articulada em torno dos processos de criação e arte contemporânea a partir de autores como Fayga Ostrower, Cecília Salles, Paul Zumthor e Giorgio Agamben. Pesquisa desenvolvida junto ao Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte - LICCA com bolsa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP.

**Palavras-chave:** Eu acredito em milagres. Processo de criação. Instalação.

### Eu também acredito em milagres

Fortaleza, 11 de novembro de 2017.

Mãe,

Antes de ser batizado eu já era católico; antes mesmo de nascer. Achei engraçado quando

---

1 Artista visual, capoeirista da Associação Sociocultural Viva Capoeira Viva, pós-graduando em Gestão Cultural pela UVA, mestrando em Artes do PPGARTES-UFC, graduado em Comunicação Social-Publicidade e Propaganda do ICA-UFC (2011) e pesquisador ligado ao Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte (LICCA). gleydsons.moreira@gmail.com

2 Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará-UFC (1992), mestre (1997) e doutor (2001) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC e realizou estágio Pós-Doutoral em Artes na Universidade de Aveiro-UA. Atualmente é professor Associado III do Instituto de Cultura e Arte-UFC, professor dos Programas de Pós-Graduação em Artes-PPGARTES e em Comunicação- PPGCOM. wellington-jr@uol.com.br



percebi essa predestinação, pensando a vida, mas imagina como seria trágico se não me sentisse bem com essa herança quando era mais novo e não tinha autonomia para dizer não. Não poderia trilhar outro caminho. A senhora devota de Nossa Senhora de Fátima e o papai devoto do Santo Expedito, eu tinha de no mínimo fazer o sinal da cruz quando passasse por uma igreja. (Sou católico, graças a Deus! Teria muita dor de cabeça se não fosse.

Consegue imaginar o tamanho dela?) Hoje, a senhora é mais tranquila e aberta ao diálogo, mas estabeleceríamos uma guerra (Tenho certeza!) se me recusasse a ir à missa, fazer a primeira eucaristia na infância ou ser cristão, por exemplo.

Seja nas expressões e preces religiosas presenciadas no cotidiano ou nas diversas imagens de santos pela casa e nas igrejas, o catolicismo acompanha toda a (nossa) vida — mesmo quando passei a ter autonomia crítica de decidir, continuei os passos religiosos herdados da senhora e do papai. A força e a mensagem de Cristo sempre foram referência e caminho a ser buscado, mas toda violência contra as pessoas diferentes e divergentes da igreja praticada pelos fiéis afastou-me da religião e da definição de católico. Passei anos refletindo e trilhando outros caminhos. Durante esse tempo neguei e critiquei a igreja, mas nunca deixei de ser cristão. — “O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei”, a Bíblia (João 15:12) — é tão simples ver Jesus como um exemplo de amor e tolerância, a própria Bíblia (usada como arma para proliferação de intolerantes em massa) mostra o amor como mensagem central da vida dele.

Nunca deixei de ser cristão porque isso não significa caçar os divergentes ou apoiar uma agenda conservadora da bancada religiosa (tenho nojo de projetos como o da “cura gay” ou de casos de perseguição como ocorreu no cancelamento da mostra do “Queermuseu” em Porto Alegre). Mãe, a Bíblia deles parece faltar páginas, parece faltar as passagens mais importantes. — “Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; soltai, e soltar-vos-ão”, a Bíblia (Lucas 6:37) — esses ensinamentos de Jesus são os pilares da minha vida.



Espero um dia conseguir segui-los de forma mais integral.

Decidi voltar no começo deste ano (para Igreja). Estava precisando, precisava refazer laços e rotinas da minha religião e da comunidade pastoral, mesmo nunca tendo a afastado do meu coração e da minha alma. Sentia como se faltasse algo, o catolicismo foi uma das poucas estabilidades encontradas na vida. Já não tenho meu irmão (a morte dele deixou um vazio enorme) por perto, nossa família é isolada em relação a questões físicas e emocionais, ainda estou tão longe de ter um emprego estável (imagino só conseguir depois do doutorado, aguenta coração até lá! Nem sei como estará a educação pública, nesse dia...) e falta tempo e sobra dificuldade para encontrar os amigos. O ritual católico me faz muito bem, voltei por necessidade. Decidi me contrapor por dentro e aos poucos, ainda não sei como fazer isso, a toda intolerância e conservadorismo violento dos religiosos. É preciso pautar os espaços onde é maioria a falsa notícia, o medo e intolerância, existem pessoas errando sem saber (com essas preocupo-me) e outras orgulhosas da posição de opressor (essas não me interessam). “O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa”. (OSTROWER, 1987, p. 10) É necessário experimentar e tentar modificar algo para que a religião e a vida em comunidade pastoral façam sentido e eu tenha um sentimento de pertencimento. (Seria a arte a forma de propor mudanças?)

Em “Esquema geral da nova objetividade”, publicado em uma coletânea de textos de artistas, Hélio Oiticica aponta para a necessidade da mudança de costumes e para isso não basta “apenas martelar contra a arte do passado ou contra os conceitos antigos (...), mas criar novas condições experimentais, em que o artista assume o papel de proposicionista ou empresário ou mesmo educador.” (FERREIRA; COTRIM, 2006) Concordo com ele nesse aspecto, é preciso ocupar espaços estratégicos na busca de pautar assuntos. Quero propor uma instalação para refletir sobre intimidade (expor materiais pessoais do meu tratamento dentário e remexer em dores físicas e psicológicas do meu passado), religião como subjetividade e não verdade/imposição (me desafio a lidar com religião em processos artísticos sem o objetivo de converter ninguém para



nossa religião, talvez uma conversão para tolerância), normatização do corpo (seria tão menos doloroso ter os dentes da forma que eu tinha se o meu sorriso pudesse existir como era, sem virar piada ou pena dos outros) e escrita de si — esse “exercício do pensamento sobre si mesmo” (FOUCAULT, 1992, p. 133). Estou reunindo, com intenção de fazer arte, objetos que demonstram o meu “*corpo-a-corpo* com o mundo”. (ZUMTHOR, 2007, p. 77) Colei algumas imagens no decorrer da carta para facilitar a assimilação desse arranjo de coisas e por acreditar na importância dos registros deixados pelos artistas, “na medida em que podem oferecer informações significativas sobre o ato criador. A obra não é fruto de uma grande ideia localizada em momentos iniciais do processo, mas está espalhada pelo percurso” (SALLES, 2006, p. 36). A intenção é demonstrar um recorte de como eu sensibilizo o mundo e como ele me sensibiliza, um processo contínuo de estimular e ser estimulado.

É um trabalho artístico para pensar, de forma mais complexa, arte, religião e subjetividade. Um processo para assumir, publicamente, minha devoção a Maria e exaltar toda entrega a Jesus simbolizada por sua vida e, quem sabe, estabelecer diálogos com pessoas que não costumam ter acesso a arte contemporânea — “objetos que são, por natureza, processuais: obras que são formas que se transformam” (SALLES, 2006, p. 162). As obras na arte contemporânea exigem um olhar não estático, criando relações provisórias (SALLES, 2006) com os processos e seus desdobramentos. A senhora já percebeu ter outro devoto de Nossa Senhora em casa? Na disciplina de Estudos da Tridimensionalidade (na Licenciatura em Artes Visuais - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará) do professor Fred Macêdo, precisávamos decidir, este mês, de quem faríamos um busto em argila. Percebi a oportunidade de agradecer pela benção da transformação dos meus dentes, sem a necessidade de intervenção cirúrgica, com a construção de uma escultura de Maria.

Reservei minhas manhãs de quinta para esculpir uma mensagem de amor, tolerância e fé, criando um caminho (ainda, não totalmente definido) para incluir o busto como um dos objetos



**Fig. 1:** A primeira imagem feita para servir de referência para escultura. Fotografias, 96dpi. Acervo do autor, Fortaleza (CE).

de um arranjo dentro da busca de estabelecer a prática de uma poética contemporânea (um problema posto para todos os artistas da contemporaneidade). “O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar” (OSTROWER, 1987, p. 09). Assim, mãe, reflito sobre possíveis provas (poéticas) de nosso milagre — “os milagres são sinais extraordinários que acompanham a pregação da Boa Nova e têm o objetivo de suscitar ou reforçar a fé em Cristo” (Papa Francisco apud JUANA, 2016, s/p), explicou o Papa Francisco — e percebi a escultura como o fechamento (a última peça) desse quebra-cabeça (a instalação “Eu acredito em milagres”). No momento mais distante da igreja e religião, consegui alcançar uma das maiores graças... (A carta virou um testemunho? Deus me livre de berrá-la em algum ônibus, terminal ou congresso.) O Papa em sua reflexão sobre as Bodas de Caná — festa de casamento em que Jesus transformou água em vinho — explicou que a história demonstra que Jesus não é “um juiz pronto a condenar as nossas culpas, tampouco como um comandante que impõe que sigamos cegamente as suas ordens; se apresenta como Esposo da humanidade: como Aquele que responde as expectativas e promessas de alegria” (PAPA FRANCISCO apud JUANA, 2016, s/p) em nossos corações. Ele ratificou minha forma de pensar e sentir nossa religião. Mãe, só terminarei esta carta quando finalizar o busto, quero incluir imagens de como ele ficou, estou com muita expectativa para mostrá-lo à senhora.

Mais especificamente, farei o busto da Nossa Senhora de Fátima porque a senhora direcionou a ela o pedido de intercessão pelo meu tratamento. Temos tantas imagens dela em casa, vai ser incrível quando uma delas for a feita por mim. Lembra da encenação da primeira aparição feita no colégio (Monsenhor Joviniano Barreto) em que participei no papel de Pastorinho? No dia 13 de maio deste ano foi comemorado o centenário dessa aparição, acontecida na aldeia de Fátima em Portugal. Consegue lembrar a história? Lúcia, Francisco e Jacinta cuidavam de um pequeno rebanho, mais ou menos, ao meio dia, viram Nossa Senhora sobre uma árvore, azinheira. Ela pediu para eles voltarem durante seis meses, nos dias 13 de cada mês, para o mesmo local na mesma





**Fig. 2:** Imagem que serviu de base para escultura. Fotografia, 96dpi. Acervo do autor, Fortaleza (CE).

hora. (A senhora deve conhecer bem melhor do que eu a história... Desculpa a empolgação de um devoto novato.) Agora, nós vamos todo dia treze agradecer nossas graças e pagar nossas promessas na missa.

Reconheceu a sua santinha? Pensei em fazer com base nela, não sei explicar, me pareceu muito interessante trabalhar a partir da imagem responsável por nos receber todos os dias na sala de casa. Tenho tanto carinho por ela e isso só aumenta ao ver todo o seu zelo, nas nossas duas últimas mudanças de apartamento a senhora a carregou como se fosse uma criança nos braços. Essa cena me sensibilizou... Percebi com o tempo a dificuldade de usar a imagem como única referência pela falta de detalhes no rosto e no véu. Lembra quando te perguntei se a senhora teria outra imagem de Nossa Senhora grande? Fiquei muito feliz pela outra imagem encontrada.

A imagem de base passou a ser do Sagrado Coração de Maria, mas o sentimento e o objetivo continuam a ser a construção do busto de Nossa Senhora de Fátima. Quando ela estiver pronta, pretendo levar minha escultura para benção dos objetos em um dia treze. (Quero fazer isso no dia 13 de maio de 2018!) Mãe, ficaria muito feliz de ter a sua companhia nessa missa. Vamos juntos?

Trabalhar com argila é algo que nunca fiz, estou animado para experimentar uma nova linguagem e expressar-me de um novo modo. “Nessa busca de ordenações e de significados reside a profunda motivação humana de criar. Impelido, como ser consciente, a compreender a vida, o homem é impelido a formar” (OSTROWER, 1987, p. 09). Cada nova forma de expressão utilizada é uma possibilidade de descobrir e explorar um novo mundo e a própria subjetividade. No momento, estou me desafiando a encontrar modos de pensar, expressar e criar o nosso tempo no trabalho ou em suas conexões em desenvolvimento. O contemporâneo

— “equivale a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes” (AGAMBEN, 2009, p. 63)

— são as questões de nosso tempo que conseguem ser atemporais, caracterizando sinto-



mas dos modos encontrados de viver resistentes às tendências. “Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.” (AGAMBEN, 2009, p.59) Falar do contemporâneo é falar de imersão e estranhamento; vínculo e distanciamento. No meu trabalho, é falar sobre ter a necessidade de manter os vínculos com a religião, mas não conseguir fechar os olhos para as intolerâncias dos fiéis; é abrir a intimidade para pedir respeito ao íntimo dos “diferentes” ou divergentes; é remexer em memórias doloridas para convencer alguém (qualquer um) a causar um pouco menos de dor nos outros; é acreditar que fé, arte e ciência caminham juntas.

Após as fotografias de base, comecei a sentir a imagem do busto a ser feito. “O desenho de criação, na especificidade das artes visuais, age como campo de investigação, ou seja, são registros de experimentação: hipóteses visuais são levantadas e vão sendo testadas e deixam transparecer a natureza indutiva da criação.” (SALLES, 2006, p. 114) Tentei, com os esboços e desenho final (a cima), interiorizar as formas e o tema a serem representados para estabelecer uma conexão mais forte com a obra a ser feita e minha devoção por Maria. “Possibilidades de obras são testadas em esboços que são parte de um pensamento visual.” (SALLES, 2006, p. 114) A precisão deu lugar ao gesto livre, por isso não tive dificuldades ao desenhar, pois não me obriguei a ser realista em meus traços, meu objetivo era muito mais sentir do que retratar a imagem e minha profissão de fé.

Pensar e expressar meu corpo longe das minhas questões religiosas é impossível, mesmo sendo progressista e anti-conservadorista, as questões transcendentais são muito fortes em mim e nas minhas produções. Existe toda uma centralidade no corpo pois ele é “a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior” (ZUMTHOR, 2007, p. 23). O corpo torna possível materializar



**Fig. 3 e 4:** Desenhos feitos na busca da forma da escultura. Desenhos, 210 x 297 mm. Acervo do autor, Fortaleza (CE).



**Fig. 5:** O molde dentário feito antes de iniciar o meu tratamento em 2012. Fotografia, 72dpi. Acervo do autor, Fortaleza (CE).

e experimentar a existência, por isso, buscar mudanças é implicar o corpo de outra forma no mundo, o desejo de transformação corporal (corrigir os problemas dentários) foi fixado no corpo desde a morte do Valdembergue (nosso lindo se foi tão cedo!). É impossível pensar meu corpo e não evidenciar o milagre da transformação dos meus dentes, a nossa benção. Mesmo depois de ouvir de dentistas (eu lembro de uns quatro apenas, mas devo ter ido em mais profissionais) da necessidade da cirurgia, inclusive da Dra. Glaucides (responsável pelo meu tratamento), alcançamos nosso milagre. — “Agradeça, meu filho. Agradeça” — consigo até ouvir o seu pedido para agradecer. Aí, como costume fazer, digo: muito obrigado, meu Deus. — “Em nome de Jesus. Muito obrigado, meu Deus, em nome de Jesus” — não demora para senhora completar. Sou muito agradecido, mesmo. Nada vai tirar de mim a certeza de uma intervenção divina, essa transformação foi tão pedida por nós e tão desdenhada por odontologistas a ponto da ciência ter ficado como coadjuvante para mim nesse processo.

Lembro vagamente da senhora nervosa quando descobriu a minha ida ao dentista em 2012 (ou foi 2011?). Decidi retomar a peregrinação, como fizemos durante minha infância e adolescência, a consultórios em busca de um(a) ortodontista disposto(a) a assumir meu caso, ainda lidando com a perda do Val (falecido em 14/04/2011). Queria ser feliz, queria tanto colocar o mundo no peito e viver da melhor forma possível. Tomei a ida dele como um aviso, precisava mudar e me reinventar por ele e por mim, principalmente. Crio não apenas por gostar de criar, e sim porque preciso, pois só podemos “crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenado, dando forma, criando.” (OSTROWER, 1987, p. 10) A morte dele proporcionou uma urgência em criar uma nova vida, sua falta me movimentou a (re)criar — recriação é criação como afirma Huisman (1984, p. 71) — o mundo e a forma como estou implicado nele.

Lembra como eu era antes do tratamento? A transformação foi impressionante. Não sei se a senhora consegue perceber, a imagem do meio era forma possível de sorrir. O sorriso não era algo natural, pela estrutura física dos meus dentes, e quando ele ocorria da forma possível eu





**Fig. 6:** Página do dossiê de exames feitos antes do tratamento dentário. Fotocópia. Fonte: Acervo do artista.



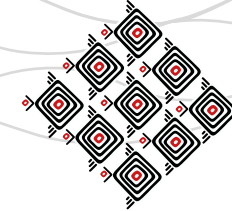
**Fig. 7:** O molde dentário feito no fim do meu tratamento em 2016. Fotografia, 72dpi. Acervo do autor, Fortaleza (CE).

tampava a boca ou continha-o por vergonha. Aprendi a viver assim, adaptando a fala e o riso para não mostrar meus dentes. Fingia, geralmente, não perceber quando alguém reparava na posição deles ou quando alguém fazia alguma piada com eles, mas eu sentia e doía muito. A morte do Val me fez agir, busquei a mudança. Nem o medo da senhora de uma operação ou a falta de dinheiro me fizeram fraquejar, eu ia tentar me transformar (me recriar). Conseguimos.

Todo o conto infantil de nascer, crescer, envelhecer e morrer se perfez diante dos meus olhos, findou-se com a morte do Val. Não podia mais esperar para sorrir. Pedi a Deus para escolher o(a) dentista por mim e de forma aleatória (no catálogo da UNIDENTAL) encontrei a Dra. Glaucides, ela também disse de cara as mesmas coisas. Precisa de operação, devia ter vindo mais novo, vai doer muito, muito complexo seu caso, nem todos aceitariam seu caso e os resultados vão demorar, acredito ter resumido bem as expressões ouvidas em várias consultas. (Era tudo verdade!) No fim das contas ela topou montar um tratamento e topei assinar um termo se optasse por não operar de acordo com a evolução. Decidi ir sozinho porque era algo que precisava fazer por mim, as consequências positivas e negativas estariam estampadas no meu rosto, então preferi assumir e decidir tudo sozinho.

A instalação está sendo relacionada ao pensar arte, religião e subjetividade, pois a religiosidade vem moldando e sendo ponderada na minha corporeidade ao longo de toda a minha vida. O comportamento humano é “vinculado aos mesmos padrões coletivos, ele se desenvolverá enquanto individualidade, com seu modo pessoal de agir, seus sonhos, suas aspirações e suas eventuais realizações.” (OSTROWER, 1987, p. 11-12) Entender minha relação com a religião é fundamental para me entender e para analisar meus processos artísticos. Percebe como pode ser complexo lidar com algo simples como os vestígios de um tratamento dentário em uma criação artística?

Obrigado, tenho que te agradecer pelo resto da vida. Eu, também, acredito em milagre, acredito na transformação dos meus dentes como um milagre. Sou muito agradecido por você ter pedido por mim e por termos alcançado mais esta graça. Foi doloroso, foi custoso e foi caro,



**Fig. 8.** Trabalho “Devoto de Maria”. Escultura em argila. Acervo do autor, Fortaleza (CE).

mas nada disso tem comparação com a dimensão de viver a maior parte da vida sem conseguir sorrir, tinha tanta vergonha dos meus dentes e do meu sorriso naquela época. Isso moldou parte da minha personalidade e do meu jeito de interagir com os outros. Muitas vezes, tinha vergonha até de falar perto das pessoas, era um medo grande dos dentes muito tortos serem percebidos. Com o tratamento dentário, precisei aprender a sorrir, é impossível descrever a sensação de começar a orgulhar-se do próprio sorriso. Talvez os pássaros quando aprendem a voar sintam algo parecido.

A instalação (Eu acredito em milagres) envolve todo o material do meu tratamento dentário e minha escultura de Nossa Senhora. (Onde a senhora acha que posso instalar esses materiais?) Algo similar aos locais onde os votos realizados (*ex-votos*) — é a “abreviação latina de *ex-voto suscepto* (‘o voto realizado’), o termo designa pinturas, estatuetas e variados objetos doados às divindades como forma de agradecimento por um pedido atendido. Trata-se de uma manifestação artístico-religiosa” (ENCICLOPÉDIA, 2018: s/p) — são deixados pelos fiéis. A senhora já viu um lugar desses com os objetos? Eles são, geralmente, “instalados perto dos santuários ou de lugares de peregrinação” (ENCICLOPÉDIA, 2018: s/p), vou pesquisar alguma instalação como essas para gente ir. Aceita? Não consegui definir tudo, ainda, que fará parte da obra, o local me ajudará a fazer essa delimitação. Tenho vontade e receio de trabalhar/apresentar mais objetos como os esboços da escultura, o “santinho” da missa de sétimo dia do Val e esta carta. Fico feliz de não ter de definir hoje, pois não saberia como fazer. Mãe, “pode-se falar que o artista mostra publicamente sua obra em instantes em que o ‘ponto final’ é suportável.” (SALLES, 2006, p. 59) Não me deixaria feliz definir agora, o ‘ponto final’, ainda, não é suportável. Estou no processo de tentar entender o trabalho... Tem uma possibilidade (grande) dessa instalação ter sido pensada para mostrar meu sorriso. Agora sei sorrir! (Amo você!)

P.S.



### Referências bibliográficas

**AGAMBEN**, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.  
**COTRIM**, Cecília; **FERREIRA**, Glória. Escritos de artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

**EX-VOTO**. In: **ENCICLOPÉDIA** Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5433/ex-voto>>. Acesso em: 08 de Mai. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7 **FOUCAULT**, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

**HUISMAN**, Denis. **A Estética**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1984.

**JUANA**, Álvaro de. **Papa Francisco: milagres são sinais que reforçam nossa fé e levam à santidade**. 2016. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-milagres-sao-sinais-que-reforcam-nossa-fe-e-levam-a-santidade-45685>>. Acesso em: 09 maio 2018.

**OSTROWER**, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987. **SALLES**, Cecília A. **Redes da criação: construção da obra de arte**. São Paulo: Horizonte, 2006.

**ZUMTHOR**, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007